

CONCEPÇÕES SOBRE LÍNGUA, SOBRE A RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR E SOBRE A APRENDIZAGEM EM AULAS DE INGLÊS PELO YOUTUBE

CONCEPTIONS ABOUT LANGUAGE, ABOUT THE STUDENT-TEACHER RELATONSHIP, AND ABOUT LEARNING IN YOUTUBE ENGLISH CLASSES

Patricia Pereira MARTINS
patricia.martins10@unifesp.br
PPGL UNIFESP, São Paulo, Brasil

Orlando VIAN JR.
vian.junior@unifesp.br
UNIFESP, São Paulo, Brasil/CNPq

Resumo: O objetivo deste texto é apresentar a caracterização de elementos de aulas de língua inglesa pelo YouTube. Para atingir tal objetivo, analisamos aulas de inglês veiculadas em três canais. Adotamos uma abordagem de pesquisa qualitativa no campo da Linguística Aplicada para descrevermos como as aulas dos três canais observados concebem a língua, os papéis e relações entre alunos e professores e a aprendizagem, com base em teorias sobre o ensino e a aprendizagem de inglês como língua estrangeira e como se caracterizam tais ocorrências na referida plataforma. Os resultados parecem sugerir que esses aspectos são concebidos de uma forma bastante tradicional: a língua é um conjunto de estruturas a ser “transmitido” para o aluno, a relação alunos-professores é totalmente assimétrica e a aprendizagem é mecânica, no sentido da “educação bancária” criticada por Paulo Freire, mesmo inseridos em contextos hipermediáticos em que são comuns práticas multi e translingues.

Palavras-chave: Metodologias de ensino de línguas; Linguística Aplicada; Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa; YouTube.

Abstract: The objective of this text is to present the characterization of elements of English language classes using YouTube. To achieve this objective, we analyzed classes from three English teaching channels. We adopted a qualitative research approach in the field of Applied Linguistics to observe and describe how the classes from the three channels conceive language, student-teacher roles and relationships, and learning, based on theories about English teaching-learning as foreign language and how such occurrences are characterized. The results seem to suggest that language, the student-teacher relationship, and learning are conceived in a very traditional way: language is a set of structures to be “transmitted” to the student, the student-teacher relationship is totally asymmetrical, and learning is mechanical, in the sense of the “banking education” criticized by Paulo Freire, even inserted in hypermedia contexts where multi and translingual practices are common.

Keywords: Language teaching methodology; Applied Linguistics; English teaching and learning; YouTube.

INTRODUÇÃO: O CENÁRIO DE ENSINO DE INGLÊS NA ERA DIGITAL

As práticas multi e translíngues passaram a fazer parte do cotidiano das realidades hipermídias em que as interações ocorrem por meio de tecnologias móveis com acesso às redes sociais e as diversas formas de comunicação possibilitadas pelas Novas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação vinculadas ao advento da globalização. Nesse contexto, o inglês foi alçado à condição de língua global (CRYSTAL, 2003) e, do contato global por meio da rede mundial de computadores, as redes sociais trouxeram novas possibilidades para o ensino de línguas, pois muito pode ser feito por meio das tecnologias.

As possibilidades advindas dessas novas realidades justificam a necessidade de compreender como se caracterizam tais práticas como forma de obter subsídios para a formação de professores, visando fornecer elementos para as práticas de futuros professores.

Inserido nesta realidade e em meio a essas novas possibilidades, o objetivo deste texto é o de investigar como se caracterizam as aulas de inglês que ocorrem via redes sociais, por meio da análise de aulas veiculadas em canais do YouTube, objetivando caracterizar como as aulas que compõem o *corpus* de pesquisa concebem a língua, os papéis e relações entre alunos e professores e a aprendizagem. Tomamos como base para tais análises algumas teorias sobre o ensino e aprendizagem de línguas, tais quais os trabalhos de Jacquemet (2005), Larsen-Freeman e Anderson (2011), Araújo e Leffa (2016), Ribeiro (2018), entre outros, e como se caracterizam tais ocorrências na referida plataforma.

Como forma de atingir o objetivo proposto, apresentamos, primeiramente, perspectivas teóricas relacionadas à Linguística Aplicada (LA) no cenário da globalização e suas práticas, bem como questões relativas ao ensino de línguas por plataformas digitais e as possíveis metodologias para essa modalidade de ensino. Em seguida, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, envolvendo a geração, a organização e a análise dos dados utilizados como *corpus* para a pesquisa. Apresentamos, na sequência, nossa discussão em relação aos três aspectos observados nas aulas (concepções sobre a língua, sobre a relação aluno-professor e sobre a aprendizagem) e os resultados obtidos, seguida de considerações sobre o que os dados revelam sobre atual cenário de aulas de inglês *online* ministradas por professores nos três canais mais acessados da plataforma YouTube.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa aqui relatada¹ insere-se no campo da LA e envolve, em seu embasamento teórico, tanto teorias sobre o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira quanto questões relacionadas aos multiletramentos e redes sociais. Tal articulação se deve ao fato de a pandemia de Covid-19 ter

11 Pesquisa de Iniciação Científica Voluntária, no âmbito do curso de graduação em Letras/Inglês, da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, desenvolvida pela primeira autora, sob orientação do segundo.

potencializado a necessidade de ensino de forma remota. Com o ensino remoto, as práticas de ensino e aprendizagem passaram a ocorrer em ambientes virtuais de aprendizagem, por meio de aplicativos para o encontro de pessoas que não poderiam mais ser realizados presencialmente em função da pandemia. Uma das consequências desse cenário foi o fato de que práticas de ensino passaram a ocorrer por meio de videoaulas e outras formas de postagens em redes sociais, como é o caso das aulas de línguas veiculadas pela plataforma YouTube.

Na cultura hipermediática em que estamos inseridos, a comunicação passou a ocorrer prioritariamente por meio de plataformas, tais como Facebook, Twitter, Instagram, YouTube, dentre outras, apenas para mencionar as mais conhecidas. A interação dos usuários é massiva, pois esses têm a oportunidade de participar e colaborar dessas redes e dos posts veiculados, pois estão à sua disposição recursos para produzir comentários (Barton; Lee, 2015).

Trabalhos sobre o YouTube, como o de Burgess e Green (2017), por exemplo, explicitam que este e outros portais “transformaram definitivamente a nossa maneira de absorver conteúdo” (Burgess; Green, 2017, p. 9). Além disso, há uma significativa variedade de caminhos possíveis para o uso das tecnologias na educação, como ilustram os trabalhos reunidos em Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), Coscarelli (2016), Araújo e Leffa (2016) Neves *et al.* (2019), Ribeiro e Vecchio (2020), Camargo e Daros (2021), apenas a título de exemplo, mostram uma variedade de caminhos possíveis para o uso das tecnologias na educação, não apenas no campo da Linguística Aplicada.

Em função dessa transformação a que se referem essas novas práticas, fica explícita a necessidade de uma compreensão mais ampla sobre essa modalidade de ensino, pois, nesse contexto, passaram a ser veiculadas uma enorme quantidade de videoaulas. A pesquisa de Carvalho (2020), por exemplo, debruçou-se sobre as videoaulas de ensino de redação, no ensino de língua portuguesa, o que demonstra que há um campo para o estudo de aulas de língua inglesa para que tenhamos uma compreensão mais ampla de como se configuram tais aulas nas redes sociais.

As questões focalizadas nesta pesquisa abordam a língua em contextos específicos, ou seja, ambientes virtuais de ensino e aprendizagem de inglês para sua compreensão, descrição e caracterização, portanto, utilizaremos princípios teóricos da LA e do ensino de inglês como língua estrangeira, apresentados de forma sintética a seguir.

Ao abordarmos o ensino e a sala de aula, mesmo falando sobre um ambiente não formal, também foi levada em consideração a obra de Paulo Freire (1974) e o conceito de educação bancária e as metodologias tradicionais de se pensar em ensino, bem como Larsen-Freeman e Anderson (2011) e Mikuzami (1986) para as reflexões pretendidas neste trabalho sobre uma aula de língua inglesa.

LINGUÍSTICA APLICADA E GLOBALIZAÇÃO

O fenômeno a ser estudado insere a pesquisa, do ponto de vista teórico e metodológico, no campo da LA, uma área marcadamente interdisciplinar, cujo objeto de investigação é a linguagem em uso como prática social. Menezes, Silva e Gomes (2009, p. 25), acrescentam a esse pensamento o fato de que isso acontece “independentemente de escolhas teóricas e metodológicas”.

Ao mapear a evolução da LA no Brasil, Moita Lopes (2009) indica que, na primeira virada, nos anos 1970, distinguia-se a aplicação da linguística e a LA, e chama a atenção para a necessidade de a LA não ser dependente de uma teoria linguística. A segunda virada acontece quando o campo de investigação da LA não se restringe mais somente ao ensino de línguas e tradução, e se expande para outros contextos institucionais (MOITA LOPES, 2009).

Chega-se, assim, a uma LA Indisciplinar, como proposto por Moita Lopes (2006; 2009). O prefixo in-, neste caso, deve ser entendido que a LA vai além da inter e da transdisciplinaridade, como uma área que se apropria de outros campos para investigação de seu objeto, preocupada com o uso da linguagem nas práticas sociais, pois “é uma LA que deseja, sobremodo, falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir” (MOITA LOPES, 2009, p. 19).

Nessa proposta da LA, insere-se a investigação de novos acontecimentos surgidos a partir das mudanças causadas pela globalização, com a desterritorialização e grande mobilidade de pessoas e artefatos culturais, em que a língua é resultado desse processo de superdiversidade (VERTOVEC, 2010; MOITA LOPES, 2013). Segundo Moita Lopes (2013, p. 102), “tal mobilidade de pessoas significa que o linguajar (o uso de línguas diferentes na fala e na escrita, misturando línguas para agir no mundo social [...]) por entre as fronteiras tende, portanto, a aumentar no Brasil”, o que aponta para um aumento das práticas de ensino, pela necessidade do uso do idioma em nosso país e para nosso contato com falantes de outras línguas por meio do inglês.

Na concepção de Jacquemet (2005), os estudos desenvolvidos sobre linguagem e comunicação devem levar em consideração os impactos que a globalização exerce sobre as práticas comunicativas.

A globalização, além das significativas mudanças econômicas, tecnológicas e sociais trazidas ao mundo, fez ainda emergir muitas possibilidades de intercâmbio sociocultural, com denominações como “difusão, assimilação, aculturação, hibridação, sincretismo, mestiçagem e outras” (IANNI, 1996, p. 154). Esse fenômeno, para o campo da LA, revela-se como bastante profícuo para o estudo da linguagem em uso nesses intercâmbios socioculturais, já que a língua é o veículo de troca entre os falantes de diferentes idiomas. Por conseguinte, compreender os fenômenos envolvidos nessas trocas traz subsídios para uma melhor compreensão dos fenômenos, seu estudo e sua futura disseminação na formação do aluno em um curso de licenciatura para que seja crítico da realidade que o cerca e na qual se inserirá como futuro profissional, podendo atuar, inclusive, em aulas por plataformas digitais.

ENSINO DE LÍNGUAS E REDES SOCIAIS

Em seus estudos sobre as tecnologias digitais no ensino, Ribeiro (2018, p. 115) afirma que “temos mais firmeza para dizer que há muito trabalho pela frente, se quisermos reeditar aulas mediadas por dispositivos de tecnologia digital”, ou seja, é necessário compreender como essas práticas se caracterizam para que, na formação inicial do professor, no âmbito da graduação, possam ser formados em relação ao que irão vivenciar em suas futuras práticas.

Da mesma forma, em obra que reúne trabalhos sobre o impacto das redes sociais no ensino, Araújo e Leffa (2016) sinalizam que “o virtual funciona como espelho da sociedade” e que as redes sociais “têm profundo impacto na realidade” (Araújo; Leffa, 2016, p. 10), confirmando a relevância de compreendermos como as novas práticas de ensino se configuram, fornecendo subsídios para que, ao mesmo tempo, compreendamos a sociedade.

Para compreendermos, a partir da perspectiva da LA, as práticas nos ambientes digitais, é preciso levar em conta os multiletramentos e a multimodalidade dos diferentes meios e redes sociais, bem como as potencialidades que cada rede pode propiciar, tais como vídeos, áudios, jogos, imagens, animações e todas as demais semioses possibilitadas pelas tecnologias digitais e hipermediáticas.

Com base nas práticas discursivas nesse contexto superdiverso e híbrido, o problema focalizado neste texto, como se depreende pelo complexo cenário linguístico que vivenciamos em tempos hipermodernos, globalizados e desterritorializados, encontra respaldo no que argumenta Cavalcanti (2013) sobre a educação linguística do professor de línguas. Segundo a autora:

A educação linguística do professor de línguas não pode ser somente linguística, ela precisa ser sofisticadamente inter e transdisciplinar, socialmente engajada, antropologicamente atenta, plural em seu foco, para incluir estudos de letramento, os estudos sobre multilinguismo com as questões de intercompreensão e de práticas translíngues, os estudos sobre transculturalismo. Essa visão de educação linguística ampliada teria espaço para o conceito de intercompreensão via, por exemplo, práticas translíngues. Teria também abertura de espaço, por exemplo, para uma pedagogia culturalmente sensível e dialogaria com a educação do entorno proposta por Maher (2007) (Cavalcanti, 2013, p. 226).

O que indica o texto de Cavalcanti, desse modo, prevê um conhecimento do contexto em que atuamos para que se conheçam as práticas linguísticas nele veiculadas e que podem contribuir para o professor de língua estrangeira sendo formado na universidade e que irá atuar em escolas do entorno e que devem, portanto, ter essa visada mais ampla sobre a língua estrangeira e como esta circula no contexto.

Os aspectos dos usos multilinguísticos e do papel do inglês no cotidiano dos cidadãos no mundo atual, bastante acentuado pela reclusão social e isolamento trazidos pela pandemia, realça a importância da formação do professor de inglês para uma visão mais ampla para as redes. Compreender novas práticas de ensino e aprendizagem de inglês no contexto hipermediático globalizado, desse modo, revela-se como um aspecto de suma importância para o currículo do curso

de Letras/Inglês e para a formação do professor, bem como para sua educação linguística e o currículo do curso, aspectos caros aos estudos em LA.

Tais práticas são analisadas e caracterizadas, com base no corpus selecionado e a partir de seus aspectos tecnológicos, multimodais e multissemióticos, tomando como ponto de partida as teorias que explicitam os aspectos envolvidos no ensino e aprendizagem do inglês como língua estrangeira, com base em estudos da área como os de Richards e Rodgers, (2001), Larsen-Freeman e Anderson (2011), Lightbown e Spada (2019) sobre métodos, abordagens e técnicas para o ensino.

Em sua obra, Richards e Rodgers (2001) apresentam as principais tendências no ensino de línguas no século XX e, após uma breve apresentação sobre a história desse tipo de ensino, discutem a natureza dos métodos e abordagens e o método audiolingual. São expostas, na segunda parte do livro, o que os autores consideram métodos e abordagens alternativos possíveis para o ensino de línguas, dentre eles: Resposta Física Total, Método Silencioso, Aprendizado de Línguas em Comunidade, Sugestologia, Língua Total, Inteligências Múltiplas, Programação Neurolinguística, Abordagem Lexical e Ensino de Línguas baseado em Competência. Essas possibilidades sugerem as diversas perspectivas que podem ser utilizadas por professores de línguas. Por fim, na terceira parte da obra, apresentam abordagens comunicativas mais atuais, entre as quais incluem: Ensino Comunicativo de Língua, Abordagem Natural, Aprendizagem Cooperativa de Língua, Instrução com base em Conteúdo, Ensino de Língua baseado em Tarefa e a era pós-método. O trabalho dos autores permite travar contato com os diferentes elementos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem de uma língua estrangeira nas diferentes abordagens apresentadas e discutidas.

O conteúdo sobre as abordagens e técnicas apresentados por Larsen-Freeman e Anderson (2011) seguem sequência similar à de Richards e Rodgers, com o diferencial de que apresentam um exemplo de uma aula ministrada em que a abordagem discutida é utilizada. As autoras apresentam as características dos seguintes métodos e abordagens: Método da Gramática e Tradução, Método Direto, Método Audiolingual, Método Silencioso, Desugestologia, Aprendizado de Línguas em Comunidade, Resposta Física Total, Ensino Comunicativo de Língua, Instrução com base em Conteúdo, Ensino de Língua baseado em Tarefa, além de dedicarem um capítulo às dimensões políticas relacionadas ao ensino de línguas, ao aprendizado de estratégias, Aprendizagem Cooperativa e Inteligências Múltiplas e, por fim, o uso emergente das tecnologias.

Baseamo-nos, ainda, no trabalho de Lightbown e Spada (2019) pelo fato de as autoras abordarem o processo de aquisição de uma primeira língua e, a partir dela, o aprendizado de uma língua estrangeira. As autoras também abordam as diferenças individuais no aprendizado e observam como se dá o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira na sala de aula, além de discutirem ideias populares e crenças sobre o aprendizado de línguas.

Por fim, tomamos também como base teórica o que explicita Mizukami (1986), a partir de uma perspectiva pedagógica, as possibilidades de se abordar o ensino. A autora discute as abordagens tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural. Para analisar cada uma delas, Mizukami se baseia nos seguintes pressupostos: Homem, Mundo, Sociedade-cultura, Conhecimento, Educação, Escola, Ensino-aprendizagem, Professor-aluno, Metodologia e, por fim, a avaliação em cada abordagem. O conhecimento desses elementos permite aos professores e professoras um rico menu de opções para usar em suas aulas a depender de seus contextos de atuação, bem como das necessidades dos alunos e do segmento de ensino. Esses elementos embasam, portanto, a nossa discussão sobre as três concepções abordadas neste texto: (1) como a língua é concebida nessas aulas; (2) como a relação aluno-professor é verificada nas aulas e, por fim, (3) como a aprendizagem é concebida.

Temos, a partir desses referenciais, distintas possibilidades de análise para vislumbrarmos as aulas veiculadas em plataforma digital e como se organizam. O conhecimento desses métodos e abordagens tem um importante papel na formação de estudantes de Letras/Inglês, futuros professores de língua para que se conheçam as maneiras como se caracterizam e como estes est(ar)ão presentes no cotidiano das práticas sociais e de sala de aula e como o ensino de língua estrangeira pode ser abordado a partir de diferentes abordagens, a depender do contexto em que irão atuar.

METODOLOGIA: GERAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Com base no atual cenário hipermediático em que estamos inseridos, e principalmente com o advento da pandemia de Covid-19 em 2020 ao redor mundo, uma quantidade significativa de práticas que exigiram o isolamento social dos indivíduos passaram a ser mediadas por computador e eventos sociais passaram a ocorrer via plataformas digitais.

Isso fez com que se acentuassem as buscas por cursos remotos, além de o ensino regular passar a ser online. Todo esse contexto exige que se compreenda, de forma mais ampla, quais mudanças ocorreram nas práticas de ensino de inglês no modo remoto e como ensino dessa língua passou a ser concebido a partir dessa nova realidade.

Como forma de fornecer subsídios para essa compreensão, a pesquisa pretendeu analisar como se caracterizam as aulas de inglês veiculadas em uma rede social e como são concebidos os papéis da língua, da relação aluno-professor e da aprendizagem.

A composição do *corpus* teve por base a plataforma YouTube, por compreendermos que se trata de uma rede amplamente utilizada e divulgada como ferramenta não apenas de entretenimento, mas também de ensino e divulgação de inúmeros materiais de estudo.

A geração dos dados que compõem o *corpus* foi feita de acordo com os três canais brasileiros com maior número de seguidores. A partir da seleção dos três canais mais acessados, foram

acompanhadas aulas ao longo de uma semana no mês de maio de 2022 de cada um desses três canais e, a partir delas, foi gerado o *corpus* da pesquisa. Foram selecionados, assim, os três professores que ofereciam em seus canais aulas de inglês para brasileiros e captamos as informações, organizadas de acordo com os dados no Quadro 1:

Quadro 1 - Dados sobre os canais que compõem o *corpus* da pesquisa

| | Canal 1 | Canal 2 | Canal 3 |
|-----------------------------|---|---|--|
| Nome do canal | Mário Vergara | English in Brazil by Carina Fragoso | Professor Kenny |
| Inscritos | 2,7mi | 1,62mi | 1,85mi |
| Ano de criação | 2017 | 2015 | 2018 |
| Frequência das aulas | Lives diárias | Um vídeo por semana | Semana de <i>Lives</i> em que ele, ao vivo, dá aulas de inglês e oferece seu aplicativo. |
| Observações | Mini-aulas que, apesar de numeradas, não têm uma sequência preestabelecida. <i>Lives</i> agendadas para um horário fixo. | Faz o uso de <i>shorts</i> (vídeos curtos feitos para serem vistos via <i>smartphones</i>) | <i>Lives</i> no YouTube. Aplicativo para aprendizado de Inglês via celular. |

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Tomando os elementos apresentados no Quadro 1 como ponto de partida, procedemos à análise a partir de uma perspectiva qualitativa. Conforme apontam Denzin e Lincoln (1998, p. 3), a pesquisa qualitativa implica uma abordagem interpretativa e naturalista dos fatos pesquisados, o que significa que o(a) pesquisador(a) os estuda em seu ambiente natural com o objetivo de entender ou interpretar fenômenos em termos dos significados que as pessoas atribuem a eles. Partindo dessa perspectiva, apresentamos a seguir os dados e suas características. Foram selecionados os três canais brasileiros com aulas via YouTube, fazendo a busca por “aulas de língua inglesa para brasileiros”. A partir da seleção dos canais, foram selecionados os três vídeos mais vistos durante aquele mês para análise das videoaulas.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Com base nos dados elencados no Quadro 1, nesta seção apresentamos elementos da análise das aulas que compõem o *corpus* gerado a partir dos três canais estudados e os aspectos que as caracterizam a partir da pergunta de pesquisa e dos objetivos propostos. Considera-se aqui cada vídeo uma aula (ou ainda cada *Live* uma aula).

Canal 1

O Canal 1, mantido pelo professor Mairo Vergara, tem por objetivo, como indicado na seção "Sobre nós", do próprio canal, ensinar inglês de forma rápida e eficiente. O canal no YouTube foi criado em 2009 e faz parte de uma plataforma com método próprio. O idealizador desse canal relata que começou a elaborar seu método quando foi morar no Japão para aprender o idioma e, mesmo convivendo e estudando japonês, não conseguiu evoluir. A partir de então, ao retornar ao Brasil e iniciar seus estudos na língua inglesa, optou por modificar totalmente o formato de seus estudos em uma língua estrangeira e isso baseava-se em estudar vocabulário. Ele relata que alcançou um nível avançado sem ter jamais estudado gramática, ou seja, seu método é criado de forma que o aluno não estude através de regras gramaticais.

No canal ainda é indicado que o professor estudou Letras e, após alguns anos lecionando e trabalhando com tradução, optou por criar uma plataforma *online* de estudos e ministrar aulas que pudessem ajudar seus alunos a usufruir de um método que funcionou para ele. Em seu canal no YouTube, o professor disponibiliza videoaulas, também tem um *website* onde disponibiliza textos e dicas relacionadas a vocabulário. Nesse *website*, o aluno que decidir comprar o curso tem acesso a um pacote de videoaulas gravadas. O professor também faz aulas ao vivo programadas e avisadas em suas redes sociais.

Nas aulas do Professor Vergara, é possível notar que, para este docente, a língua é representada pelo vocabulário, pelo número de palavras que um estudante consegue adquirir em seu vocabulário. Antes de apresentar o método, feito com o auxílio de um programa de computador chamado Anki, ele enfatiza diversas vezes como uma pessoa aprende um novo idioma: incorporando novas palavras ao seu vocabulário, logo, fica explícita a concepção de língua para o professor: saber a língua é saber seu vocabulário, seu léxico, o que pode ir de encontro a muitas das teorias de linguagem no campo da LA, como a abordagem comunicativa, sendo que algumas concebem a língua como um fenômeno social mais amplo e não apenas seu aspecto lexical.

O professor trabalha com dois métodos: memorização e tradução. Apesar de tratar-se de uma aula em uma plataforma *online*, pode-se notar que se utiliza de uma metodologia considerada tradicional na aquisição de L2, uma vez que, segundo Larsen-Freeman e Anderson (2011), o método da gramática e tradução tem como propósito fundamental a leitura de textos literários na língua em que se objetiva aprender. O método não foca em comunicação, mas sim apenas na aquisição de vocabulário e memorização de regras gramaticais e a figura do professor é vertical, ele é a autoridade que deve corrigir e passar a tradução correta das palavras que são vistas, o que parece dialogar de forma direta com o método utilizado neste canal.

Canal 2

O Canal 2, o segundo mais acessado de acordo com o levantamento quantitativo dos canais mais acessados, é mantido pela professora Carina Fragoso e intitula-se English in Brazil.

De acordo com seu perfil no YouTube, o canal tem por objetivo democratizar o ensino de inglês no Brasil e quebrar os principais mitos relacionados ao aprendizado de línguas estrangeiras de forma leve e descontraída. Carina Fragoso é uma professora que tem doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo e já escreveu livros relacionados ao aprendizado de inglês por brasileiros. Em seu canal no YouTube, ela disponibiliza dicas relacionadas à pronúncia, à gramática e ao vocabulário, além de dicas de estudo, cultura, viagens e curiosidades.

Foram observados os quatro vídeos com maior número de visualizações postados em maio de 2022, um deles sendo um vídeo curto, que se configura como *shorts*, isto é, vídeos em formato vertical de até 60 segundos com foco em usuários de *smartphones*.

As aulas observadas do Canal 2 focam em uma diversidade de temas, com vídeos com foco em pronúncia ou em gramática. Um deles traz dez palavras que todo brasileiro tem dificuldades em pronunciar, onde ela enumera essas palavras, de acordo com comentários feitos em postagens anteriores, e ela vai palavra por palavra revisando a pronúncia. O canal tem diversos temas que dialogam com um público jovem, como séries e músicas e, ao longo de seus vídeos, ela menciona seus livros, indicando *link* para a compra e uma plataforma de aulas *online* que conta com professores nativos para aulas ao vivo.

Podemos relacionar as aulas do Canal 2 com método Audiolingual, já que nele, como preceituam Larsen-Freeman e Anderson (2011), o professor torna-se o maestro de uma orquestra. Ele fala uma frase e os alunos devem repetir, adquirindo vocabulário e pronúncia por meio da repetição.

No método Audiolingual, o professor é o modelo a ser seguido. Porém, as aulas no YouTube não permitem à docente verificar e corrigir os alunos. Ou seja, não há interação entre aluno e professor, nem entre os alunos. O professor detém o conhecimento que é passado de forma vertical como ocorre com métodos mais tradicionais e centrados no professor.

Canal 3

O Canal 3 é administrado pelo Professor Kenny, um canadense que vive no Brasil, como indicam as informações do canal. Kenny afirma que as metodologias podem atrapalhar o aprendizado do aluno, e que algumas escolas de idiomas insistem em uma metodologia única e isso às vezes limita o aprendizado prático do aluno. O objetivo do canal é oferecer um curso que comece do iniciante, desde a alfabetização com foco nas quatro habilidades, até a conversação fluente.

O professor trabalha com lives, ou seja, aulas ao vivo em que, à medida que a transmissão acontece, as pessoas participam via YouTube. Ele as chama de Kenny Week, que foram

acompanhadas para verificar as metodologias das quais o professor se utiliza. Há, no cenário, uma lousa, já preenchida com verbos conjugados em diferentes tempos verbais. O professor aparenta estar em uma sala de aula e não olha para a câmera, o que pode sugerir que tem um grupo de alunos presencialmente ao mesmo tempo em que transmite a aula ao vivo via YouTube.

Os alunos fazem diversas perguntas no *chat* enquanto o professor ensina, mas, como naquele momento ele está explicando, ele parece não estar acompanhando o *chat*. Eventualmente, ele responde algumas perguntas, porém não consegue ler todas, pois as pessoas são bastante participativas via *chat*.

O professor do Canal 3, como se pode verificar, utiliza uma abordagem semelhante ao Método da Gramática e Tradução, já que, em suas aulas, ele coloca expressões na lousa e as explica e traduz uma a uma. Apesar de as aulas serem ao vivo, o que poderia facilitar a comunicação entre ele e seus alunos, o professor prefere manter-se na estrutura e nas frases que estão escritas no quadro. A abordagem que ele utiliza faz com que seja a autoridade da sala e apenas a voz dele seja ouvida, a aula é completamente centrada no professor, sem a oportunidade de troca entre os alunos, assim como os métodos tradicionais de ensino.

Com base nos elementos das aulas nos três canais apresentados, é possível estabelecer algumas características, bem como aspectos do papel do professor e dos alunos e das metodologias utilizadas, conforme nosso objetivo principal e que são apresentadas na próxima seção.

Discussão dos dados e resultados

Os três canais abordados foram os mais acessados na categoria de aulas de inglês para brasileiros quando os dados foram gerados, em maio de 2022. Por serem canais com muitos acessos, como foi indicado no Quadro 1, o formato dos vídeos se assemelha bastante ao dos *influencers*, com assessoria e estratégias de marketing, o que é possível verificar antes mesmo de iniciar os vídeos, com a imagem que fica exposta e o título da aula.

Os três professores cujas aulas foram analisadas não iniciam a aula mostrando um planejamento ou um objetivo da aula, porém os três canais têm uma outra plataforma em que, mediante o pagamento de uma certa quantia, o aluno terá acesso a um conteúdo específico, um aplicativo ou mesmo aulas e mentoria individuais. A impressão que se tem é que as aulas gratuitas oferecidas funcionam apenas como um chamativo para vender os cursos.

As aulas têm uma interação bastante limitada com os alunos, não sendo possível criar uma conexão entre professor e aluno, uma vez que apenas a voz do docente é ouvida. As aulas *online*, apesar de trazerem todo um aparato tecnológico inovador, muitas vezes, como verificamos nos casos observados, trazem poucas ferramentas de interação, sendo apenas uma nova plataforma para um método tradicional de ensino.

Autores que abordam os papéis de alunos e professores nas distintas metodologias, como Mizukami (1986) e Larsen-Freeman e Anderson (2011), indicam que professores e alunos assumem papéis diferentes, a depender da abordagem utilizada. Nas ocorrências analisadas, as aulas são totalmente centradas nos professores e no que eles pretendem apresentar. Parece que o papel atribuído ao aluno é o de apenas assistir passivamente às aulas, na antiga concepção bancária referida por Freire (1974), em que o professor apenas deposita os conteúdos. Como ficou evidenciado, os alunos até fazem perguntas e tentam esclarecer dúvidas pelo *chat*, no caso do Canal 3 do professor Kenny, mas nem sempre são atendidos.

Mizukami (1986) aponta que, para o método tradicional de ensino, o conhecimento é concebido como a capacidade de armazenar e acumular informações. É possível entender o aluno como alguém que não possui conhecimento algum e irá adquiri-lo com o professor, que detém o conhecimento e passa para as pessoas que estão supostamente aprendendo. Os três canais observados possuem características que podem ser relacionadas com esse método de ensino: o aluno é passivo, em alguns casos o professor lê interações no *chat*, porém quem traz toda a informação e conhecimento necessário é apenas o docente. O professor do Canal 1 comenta, inclusive, que o mais importante para adquirir um novo idioma é possuir vocabulário, colocando o acúmulo de informações e palavras como o principal responsável para uma comunicação em uma L2, algo que foi contrastado posteriormente em outras metodologias.

Coscarelli (2021) também verificou a mesma questão nas escolas durante a pandemia, conforme relata a autora:

Infelizmente, as escolas (por várias razões) priorizaram uma pedagogia mais transmissiva, insistindo em transmitir saberes considerados imutáveis e essenciais. O(a) professor(a) continuava no centro e ainda como o grande “transmissor”. O contexto da pandemia revelou como as escolas estão distantes das pedagogias participativas em que o(a) professor(a) é o responsável por organizar eventos de aprendizagem significativa em interação com os(as) aprendentes e as comunidades. Essa pedagogia do vínculo envolveria pensar como as diferentes redes familiares, as diferentes pessoas da sociedade e a escola podem juntos(as) construir processos mais coletivos de aprendizagem (Coscarelli, 2021, p. 23).

O que ilustra Coscarelli (2021) na citação acima, portanto, é que, apesar de as escolas utilizarem tecnologias e veicularem metodologias mais ativas, a prática revelou, especialmente durante a pandemia, que ainda se trabalha com uma pedagogia mais transmissiva, em que o aluno não participa ativamente da aula, o que pode acabar gerando um desinteresse quando o aluno não constrói significados a partir de suas ações.

Nesse sentido, Paiva (2020) afirma que nem sempre ao falarmos sobre inovação com novas tecnologias no ensino, como é o caso de videoaulas pelo YouTube, isso representa uma mudança de método. A autora discute sobre como, no período pandêmico, rompemos as paredes das salas de aula. Durante os meses (em alguns casos passando de anos) da pandemia de Covid 19, alunos e

professores se acompanharam em viagens e passaram a conhecer as casas uns dos outros. O professor deixou de trabalhar apenas no momento da aula, pois a todo o momento os alunos poderiam se comunicar com ele/ela.

Para que haja inovação, é necessário que a escola pense em práticas de aula invertida, em que o aluno seja a figura central em sala de aula de forma que se repensem nos multiletramentos, sem transformar aulas *online* em uma sala de aula tradicional em uma plataforma diferente, como indicado por Rojo (2020).

O que parece ter ficado evidenciado, a partir das aulas dos três canais estudados, é que houve apenas uma transposição do quadro para a tela, sem outras adaptações aos papéis de alunos e professores, que poderiam ocorrer de maneiras mais interativas propiciadas pelas tecnologias, mas que parece não ter acontecido, voltando aos velhos métodos em que o professor ensina e o aluno aprende, o professor é o detentor do conhecimento e o aluno apenas o receptor, como já indicava Freire (1974) na concepção bancária de educação.

É importante apontar, finalmente, que é preciso considerar novas formas de ensino híbrido. Como indica Moran (2015), a educação híbrida é um conceito-chave atualmente, pois nela "cada aluno desenvolve um percurso mais individual e participa em determinados momentos de atividades em grupos" (Moran, 2015, p. 42), o que não parece ter acontecido nas aulas analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso principal objetivo neste texto foi o de apontar como se caracterizam as concepções sobre a língua, sobre a relação entre alunos e professores e sobre a aprendizagem nos três canais de ensino de inglês mais acessados na plataforma YouTube. É relevante compreender como tais fenômenos se caracterizam, pois podem ser usados na formação de professores que terão contato com tais práticas e precisam compreendê-las como parte de sua futura atuação profissional.

O que percebemos pela análise das aulas que compuseram o *corpus* da pesquisa, e que parece ter acontecido durante a pandemia, é que muitas vezes o professor ensina com o auxílio de uma lousa, pelo formato digital a lousa muitas vezes acaba sendo um programa no computador que cumpre essa função e os alunos apenas assistem ao conteúdo, sendo passivos nessa situação e não tendo nenhum tipo de interação ativa.

No caso das aulas dos Canais 1, 2 e 3 abordados no decorrer do texto, fica sugerido pelos professores que há uma plataforma que eles oferecem que proporcionam, segundo as propagandas veiculadas nas próprias aulas, uma interação maior, tais como exercícios para fixação de conteúdos, possibilidades de aulas de conversação, o que poderia ser interessante na aquisição de uma L2.

A educação, como indicava Freire (1974; 2014), precisa propiciar ferramentas para a construção de conhecimento de forma crítica e autônoma, trazendo relações horizontais e não verticais

como as que ocorrem nas aulas. Trazendo esse aspecto para os tempos atuais, conforme Rojo (2020), é necessário que a escola pense em práticas de aula invertida, em que o aluno seja a figura central em sala de aula de forma que se repensem nos multiletramentos, sem transformar aulas *online* em uma sala de aula tradicional em uma plataforma diferente.

O que parece ter ficado evidenciado a partir das aulas analisadas dos três canais estudados, e também tomando por base o que afirmam pesquisadoras como Rojo (2020) e Coscarelli (2021), é que houve apenas uma transposição da lousa ou do quadro branco para a tela, sem outras adaptações aos papéis de alunos e professores, que poderiam ocorrer de maneiras mais interativas propiciadas pelas tecnologias, mas que parece não ter acontecido, voltando aos velhos métodos em que o professor ensina e o aluno aprende, o professor é o detentor do conhecimento e o aluno apenas o receptor, na concepção bancária de educação a que se referiu Freire.

Ao discutirem os novos cenários da sala de aula digital, Camargo e Daros (2021) apresentam estratégias pedagógicas objetivando fomentar o aprendizado ativo, *online* e híbrido e investir em uma concepção de ensino inovadora. Segundo esses autores, é importante conceber “uma prática pedagógica capaz de garantir aos alunos uma aprendizagem sólida, que lhes permita enfrentar criticamente as mudanças da atual sociedade da informação e do conhecimento” (Camargo; Daros, 2021, p. 37).

Por fim, é preciso considerar novas formas de ensino híbrido que, como indica Moran (2015), é um conceito-chave para a educação atual. Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) também reforçam o aspecto da personalização e a inclusão de modelos tais como a rotação por estações, laboratório rotacional, sala de aula invertida e rotação individual e flex. Na educação híbrida, “cada aluno desenvolve um percurso mais individual e participa em determinados momentos de atividades em grupos” (Moran, 2015, p. 42), o que não parece ter acontecido nas aulas *online* estudadas nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola, 2016.
- BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando M. (Orgs.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.
- CARVALHO, Gabriela G. *Videoaulas no YouTube® sobre dissertação para ENEM e vestibulares: uma análise de aspectos hipertextuais e multimodais*. Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. *A sala de aula digital: Estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo, on-line e híbrido* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2021.

CAVALCANTI, Marilda C. Educação linguística na formação de professores de línguas. In: MOITA LOPES, Luiz P. (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 211-226

COSCARELLI, Carla Viana (Org). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016.

COSCARELLI, Carla Viana. Ensino de Língua: surtos durante a pandemia. *Tecnologias digitais e escola* [recurso eletrônico]: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia, v. 1, p. 15- 21, 2020.

CRYSTAL, David. *English as a global language*. 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (orgs.). *Handbook of qualitative research*. California: Sage Publications, 1994.

DÖRNYEI, Zoltán. *Reserach methods in Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e terra, 2014.

IANNI, Octávio. Globalização e transculturação. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis v.14 n. 20 p.139-170 1996.

JACQUEMET, Marco. Transidiomatic practices: Language and power in the age of globalization. *Language & Communication*, vol. 25, n. 3, p. 257-277, jul. 2005.

LARSEN-FREEMAN, Diane; ANDERSON, Marti. *Techniques and principles in language teaching*. 3rd edition. Oxford: Oxford University Press, 2011.

LIGHTBOWN, Patsy M.; SPADA, Nina. *How languages are learned*. 4th edition. Oxford: Oxford University Press, 2019.

MENEZES, Vera; SILVA, Marina Morena; GOMES, Iran Felipe. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: R.C. PEREIRA; P. ROCA. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. In: R.C. PEREIRA; P. ROCA. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Como e por que teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural. In: L.P. da MOITA LOPES. (Org.). *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 101-119.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando M. (Orgs.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Tecnologia digital em época de pandemia. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 01-12. 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Escrever, hoje – Palavra, imagem e tecnologias digitais na educação*. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyana de Mattos (Orgs.). *Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto Aula Aberta durante a pandemia* [recurso eletrônico], 2020.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. *Approaches and methods in language teaching: a description and analysis*. Cambridge: Cambridge Univ Press, 1986.

ROJO, Roxane. (Re)pensar os multiletramentos na pandemia. In: RIBEIRO, A.E.; VECCHIO, P.M. (orgs.). *Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto Aula Aberta durante a pandemia* [recurso eletrônico], p. 40-43, 2020.

VERTOVEC, Steven. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, vol. 30, n. 6, p. 1024-1054, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/01419870701599465>>. Acesso em: 01/03/2023.

Webgrafia: vídeos dos canais acessados

FRAGOSO, Carina. English In Brazil. 35 abreviações comuns de internet YouTube. 2 de maio de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/kr9tDRfPzWQ> Acesso em: 03 de abril de 2024.

FRAGOSO, Carina. English In Brazil. As 30 palavras MAIS DIFÍCEIS de pronunciar em inglês. YouTube. 5 de abril de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/4O8czR-BxfQ> Acesso em 03 de abril de 2024.

FRAGOSO, Carina. English In Brazil. "ERROS" DE INGLÊS que são mais comuns que os ACERTOS (como nativos realmente falam). YouTube. 25 de abril de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/4O8czR-BxfQ> Acesso em 03 de abril de 2024.

FRAGOSO, Carina. English In Brazil. Shorts. YouTube. 19 de maio de 2022. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/9XWacJmyD6E?feature=share> Acesso em 03 de abril de 2024.

MENDES, Kenny Pires, Professor Kenny, Kenny week. YouTube. 5 a 7 de abril de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/CeeNdCesaZA> Acesso em 03 de abril de 2024.

VERGARA, Mario. Curso Mineração de Sentenças. YouTube. 21 de março de 2021. Disponível em: https://youtube.com/playlist?list=PLI_7J18zHKKCwopIWshSDTDmWrvez27Qr Acesso em 30 de março de 2024.

VERGARA, Mario. Live do Vergara #115. YouTube. 25 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LLn8eaHFPWA&t=4139s> Acesso em 30 de março de 2024.

VERGARA, Mario. Live do Vergara #116. YouTube. 26 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PcC-X7YHTTg&t=1508s> Acesso em 28 de março de 2024.

VERGARA, Mario. Live do Vergara #117. YouTube. 27 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EhElpMC2rOs&t=1388s> Acesso em 28 de março de 2024.